



os ratos
do quarto ao lado

Jefferson Sarmiento Pereira

os ratos do quarto ao lado

os ratos
do quarto ao lado

jefferson sarmento

**os ratos
do quarto ao lado**

Jefferson Sarmiento

os ratos do quarto ao lado

Os ratos do quarto ao lado
Copyright © by Jefferson Sarmento

O conteúdo desta obra, inclusive revisão ortográfica, é de
responsabilidade exclusiva do autor

Capa
Rodrigo Rojas

Imagem da capa
Dave Sackville / Stock.XCHNG

Arte final da capa
Edgar Marculino

Sarmento, Jefferson

S246r

Os ratos do quarto ao lado/Jefferson Sarmento

ISBN 978-85-7869-002-1

1. Literatura brasileira – romance. I. Título.

CDU 82-31(81)

Bibliotecário Responsável: Clever Adalto Feliciano -
CRB 8/7164

Rio de Janeiro, 2015
Edição de divulgação – Capítulo 1

Nenhuma parte desta publicação pode ser armazenada, fotocopiada,
reproduzida por meios mecânicos, eletrônicos ou outros quaisquer sem a
prévia autorização do autor.

contato@jeffersonsarmento.com

Quando eu fecho os olhos... ainda vejo o garoto. Ele está parado na porta, que se fecha lentamente, com um ruído ruim de dobradiças velhas, feito a vítima gemendo um segundo antes de escorregar para os braços ternos da morte. E eu posso ver, logo atrás dele, o pequeno vulto da sombra que se move, no corredor. Talvez seja própria sua sombra tremendo na parede amarelada. Mas bem pode não ser.

Quando a porta se fecha, com um estalo alto que ecoa pelo quarto, eu começo a ouvir o alvoroço lá fora. Ainda ouço o gemer das dobradiças, mesmo com a velha porta travada em seu devido lugar. É quando percebo o rosto do garoto, no meio da escuridão. É um rosto muito branco e frio, como uma parede gelada de aço. É o rosto da morte, que o deixaria marcado pelo resto da vida. Seus olhos se parecem com grandes bolas de gude pretas, cobrindo quase as órbitas inteiras. Mas o que me incomoda está em sua boca, ao redor dela e em parte do nariz. É um líquido que escorre por seu queixo e pinga no chão de velhas e grossas tábuas corroídas. Um líquido escuro que, a despeito da penumbra do quarto, eu sei muito bem o que é.

Meu irmão, o garoto na porta, permanece ali, parado, enquanto lá fora as pessoas gritam e correm por sobre a madeira podre do assoalho. E quando ele fala, sua boca se abre com dificuldade. Seus maxilares parecem presos por correntes que rasgam sua carne e causam muita dor. Humilhação, muito mais que dor. Mas também uma estranha sensação de vingança. E, mesmo não entendendo o que acontece, eu também sinto aquela sensação, o entorpecer que a vingança causa nele.

– Os ratos estão mortos – ele diz.

E então a porta se abre bruscamente.

os ratos do quarto ao lado

Primeira Parte

Duas
mortes

O corpo na velha serralharia

O último domingo da primavera amanheceu tranquilo em Remo. Exceto, claro, pelo pequeno estádio municipal, onde os carros se aglomeravam entre guardadores e ambulantes cheios de sua parafernália de praxe: camisetas, balões de gás, carrinhos... Mesmo lá fora era possível ouvir a banda tocando marchinhas carnavalescas e a torcida gritando, em sua maioria pais e parentes dos pequenos jogadores.

Alonso voltou pelo corredor largo da área reservada aos sanitários masculinos e passou pelo saguão de entrada do estádio. Caminhou por entre algumas pessoas apressadas, correndo para ver os últimos minutos do jogo, e comprou um pacote de pipocas na cantina. Estava indo de volta para as arquibancadas, mas retornou contando as moedas maiores do bolso e pediu um refrigerante. Brincou com o chapéu esquisito da garota atrás do balcão e os dois riram sem muita graça - aquele riso dado por educação que reservamos para os dias de sol.

Voltou pela ala esquerda do saguão, decorado com muitas plantas e estatuetas de atletas olímpicos. Um casal de jovens namorava animado na entrada da área de sanitários femininos. Alonso passou por eles e caminhou para uma das três portas da ala esquerda que levavam às arquibancadas. Saiu para a luz do dia ouvindo o chiado forte dos torcedores. Um mais afoito xingou a mãe do juiz. Uma mulher gorda puxava o sujeito para baixo e pedia

os ratos do quarto ao lado

envergonhada que ele calasse a boca. Alonso riu, metendo a cara no pacote de pipocas.

Andou sem pressa pela área entre o alambrado e a arquibancada. Arriscou uma olhadela para o campo e viu os pequenos garotos correndo desesperados, alucinados atrás de uma bola quase da altura de seus joelhos.

Ele subiu pelo segundo lance de escadas da arquibancada, pedindo licença e derrubando pipocas na cabeça de um senhor que, a despeito de todo o barulho, cochilava desconjuntado, quase caindo do assento de plástico alaranjado. A prefeitura tinha inaugurado o novo estádio há apenas três semanas, mas os vândalos já haviam quebrado um número bem grande de encostos das cadeiras.

Alonso sentou-se perto da última fileira, de onde podia ver o campo com perfeição. Colocou a lata de refrigerante no banco ao lado e deu mais uma olhada para o jogo. Os garotos de camisa branca eram o time da casa, conhecedores implacáveis do campo do estádio e favoritos indiscutíveis. Entre os garotos com camisas de faixas vermelhas e pretas estava Lucas. Lá do alto, Alonso pôde avistá-lo correndo endemoninhadamente pela lateral esquerda de seu campo de ataque, bem ali na frente. Era um garoto muito pequeno e leve, de cabelos lisos que caíam molhados de suor na testa muito branca. A língua pendia para fora e dava a ele um ar de seriedade e compenetração incríveis. Alonso reconhecia naquele trejeito o ar responsável e perseverante da mãe.

No meio do campo, atrapalhado pelas pernas curtas, um dos garotos de vermelho e preto perdeu a bola para o time da casa. Lucas bateu com força o pé no chão, xingando

um palavrão bem nítido. Alonso olhou para o outro lado do campo. Lá estava Beatriz, a mãe de Lucas. Estava metida num jeans surrado, usando uma camisa nova do time. O homem a seu lado, gritando como um louco, era o pai, Aroldo Nardele. Estavam casados há quase oito anos, mas as coisas não andavam lá muito bem das pernas. Aliás, nada bem. Alonso achava que poucas pessoas no mundo poderiam suportar o marido de Beatriz por mais de quinze minutos. Oito anos fazia dela uma espécie de heroína.

Faltavam alguns míseros minutos e, talvez, algum desconto – bem pouco mesmo, considerando que alguns dos garotos já não conseguiam andar direito, por causa do cansaço. A bandinha tocava a todo pulmão e Alonso estava no meio do pacote grande de pipocas. A torcida parecia conformada com o placar e gritava bem menos. Lucas parou no lado direito do campo e olhou para os pais, sorrindo sem jeito, enquanto um de seus colegas ajeitava a bola para uma falta perto do meio do campo. Depois, o garoto correu os olhos pelo resto da arquibancada. Alonso achou que aquela era sua chance. Subiu sobre a banquetela laranja e berrou, levantando os braços. Perto do alambrado, fazendo uma careta de desgosto, um policial militar começou a subir pela escada, gritando que Alonso tirasse as patas do banco. Foi ignorado por quase três segundos, enquanto Alonso berrava e acenava como um louco.

– Desce dessa merda! – berrou o policial.

No campo, suado e entorpecido pela correria, o garoto avistou Alonso. O sorriso encheu seu rosto de lado a lado. Alonso sentiu-se satisfeito, sentando no banco. O policial parou no meio da subida e apontou o cassetete na

os ratos do quarto ao lado

direção dele. Depois virou-se e foi embora. No campo, ainda sorrindo, Lucas ergueu o pequeno polegar direito e sorriu de novo. Alonso acenou.

O garoto ruivo bateu a falta, rolando a bola pelo círculo grande no meio do gramado. Lucas seguiu pelo lado direito, observando atentamente a bola correr. Depois olhou para o garoto maior, de camisa branca, que corria com ele. O moleque fez uma careta, provocando-o. Lucas ignorou e olhou para a bola, gritando e estendendo o braço para o alto. O garoto com ela agora era um escurinho de olhos muito grandes. Encontrou-o berrando pelo lado direito e tocou com a lateral externa do pé. A bola rolou sem resistência naquela direção e Lucas disparou em seu encontro. O garoto maior, do outro time, correu junto, gritando um palavão.

Lucas interceptou a bola com suas pequenas pernas muito ágeis e ela rolou mais leve pelo lado de fora de seu pé. Subiu alguns centímetros, escorregando-lhe pelo joelho e acompanhando sua corrida na direção da área. Alonso, de cima da arquibancada, achou que a distância até o outro gol era tão longa que o moleque jamais conseguiria. Mas, quando a bola tocou novamente o chão, Lucas já havia corrido metade do percurso até a meia-lua na entrada da área.

O garoto adiantou a bola por quase dois metros e correu mais, com o grandalhão bufando às suas costas. Os garotos à frente correram desesperados, fechando a área para o chute. Lucas preparou o pé assim mesmo, fazendo aquela careta bicuda que os jogadores fazem quando vão chutar forte. Um dos adversários virou-se de costas e esperou a bomba explodir em suas costas. Lucas desistiu do

chute no último instante, tocando a bola pelo lado e invadindo a área numa velocidade espantosa para um garoto daquele tamanho. O moleque de costas só acordou do transe quando Lucas já estava um metro à frente, intocável agora, exceto...

Era o grandalhão. O gol estava na garganta de todos, mas o grandalhão não poderia deixá-los gritar. Não dentro dos quatro alambrados que eram seu território. Por isso ele crispou os dentes e lançou a perna direita.

– Ah, droga – murmurou Alonso.

Lucas tocou na bola com toda força que ainda tinha e sentiu seu pé esquerdo travado na grama, como se estivesse pregado. O impulso e o próprio peso do corpo fizeram seu joelho estalar. Uma dor aguda percorreu sua coxa e ganhou a virilha. Ele gritou e lágrimas correram sua face antes mesmo de cair deitado. Mas abriu os olhos, vendo com clareza, quase anestesiado naquele único segundo, a bola rolar certa e implacável; o pequeno goleiro adversário esforçando-se para alcançá-la. Parecia interminável seu percurso até a rede.

Na arquibancada, as pessoas levantaram, atônitas e silenciosas. Alonso subiu sobre o banco abóbora, o pacote inteiro de pipocas caindo para o chão. O policial ignorava-o agora, olhando diretamente para o campo, bestificado.

A bola quicou duas vezes, a menos de meio metro do gol, ainda percorrendo sua trajetória de final incerto. O pequeno goleiro saltou, berrando, estendendo as mãos o mais que podia. A bola girou e continuou. O voo do arqueiro parecia certo agora. Deitado a alguns metros, Lucas sentiu a dor crescendo, mas não podia deixá-la vencer agora, não agora. Sem chance!

os ratos do quarto ao lado

A bola resvalou no travessão no mesmo segundo em que o arqueiro tocou seu couro branco, com a ponta dos dedos. Lucas começou a fechar os olhos, vencido pela dor. Mas ainda viu quando a bola girou escorregadia entre a trave e a luva preta do goleiro e passou. Ela passou! O goleiro caiu vencido e a bola foi se aninhar lentamente no fundo da rede de náilon. E foi nesse segundo que a torcida explodiu.

– Garoto, você foi fantástico! – disse Alonso.

Estavam bem perto dos vestiários agora. Muita gente andava afoita para todo lado. Alguns jogadores de vermelho e preto arrancavam as camisas e jogavam para o alto, felizes e completamente bestificados pela vitória. Lucas, com uma tala envolvendo a perna e as marcas escuras de suor e lágrimas na face, sorriu-lhe o melhor que pôde.

– Pensei mesmo que ela não fosse entrar.

Alonso abaixou-se e apontou o indicador direito no nariz do garoto, assistido por sua mãe. Beatriz trazia no rosto uma mescla de irritação, preocupação e felicidade. Muito mais atrás, Aroldo Nardele conversava irado com um sujeito vestido de terno e gravata. Era um dos organizadores do torneio, representante da Secretaria de Esportes da Prefeitura Municipal de Remo, que dava de ombros e tentava se afastar de costas.

– Pois eu jamais duvidei. Soube que ela entraria quando você a pegou depois do meio de campo. Claro, ninguém contava com o cavalo que correu a seu lado e te escoiceou daquele jeito, mas...

– Põe cavalo nisso – disse Beatriz.

– Nem tá doendo mais! – justificou-se o garoto.

Alonso levantou e olhou para Aroldo, lá atrás. Beatriz e Lucas acompanharam e ela deu de ombros. Alonso aproveitou a oportunidade para estudar sua beleza mais uma vez. Estava perfeita. O rosto estava muito vermelho e também marcado por gotas de suor que haviam escorrido e formado pequenos rios na direção do queixo.

– Não sei o que ele quer – ela disse. – O juiz expulsou o garoto e a comissão de arbitragem disse que ele não vai mais participar do torneio. Mesmo assim o Golias ali não se contenta. Acho que o Aroldo queria que eles colocassem o moleque no campo para que pudesse chutar seu traseiro de gol a gol.

– Talvez fosse uma boa ideia – gracejou Alonso.

Lucas gargalhou. Sua mãe sorriu apenas.

– Não – disse Beatriz. – Eu preferia colocá-lo no *stand* de tiros da Feira Municipal.

Eles riram mais, enquanto o pouco conformado Aroldo Nardele aproximava-se, bufando. Quando chegou bem perto, não parecia mais zangado, esboçando um pequeno sorriso junto deles.

– O que foi? – perguntou.

– Estamos enumerando alguns jeitos de se esfolar um cavalo – disse Alonso, cumprimentando o vizinho. Aroldo balançou a mão no ar. Riu mais um pouco, sem entender.

– Vamos fazer um churrasco no campinho lá perto de casa, se quiser, pode vir conosco – convidou o pai.

– Sim! – gritou Lucas, fazendo um gesto de comemoração com o braço.

os ratos do quarto ao lado

– Pode ser. Estou de folga hoje. Um dos garotos do jornal estava cobrindo o jogo, por isso eu estava na arquibancada. Claro que eu não vou deixar de escrever algumas linhas sobre nosso herói aqui. E mais umas duas ou três esfolando aquele cavalo!

– Sabe, Alonso, meu velho – disse Aroldo – ter um vizinho jornalista tem suas vantagens. Eu tenho uma listinha de desafetos lá em casa, se quer mesmo colaborar.

– Claro, vizinho. A um milhão de Reais por cabeça, derrubo até o prefeito.

Aroldo deu uma risada, batendo com o punho fechado no ombro de Alonso.

– Está de carro? – perguntou Beatriz.

– Estou, sim. Chego junto com vocês...

Alonso seguiu dirigindo para fora do estádio com a calma que um domingo pedia, passando para o centro comercial. Ligou o rádio e ficou tamborilando no volante com a ponta dos dedos. Cumprimentou algumas pessoas perto da praça da igreja, quando parou no sinal. O celular tocou exatamente na hora em que começou a contornar o prédio bege da prefeitura.

– Pronto – ele disse ao telefone.

– Alonso?

– Pode falar.

– Alonso, é o Edgar – Spanzella, informante da polícia. Não havia alguma espécie de nervosismo em sua voz?, uma excitação quase contagiante? – Tenho uma coisa pra você, cara! Não vai acreditar. Precisa ir até lá.

- Ir até lá? O que é? Onde é?
- É na serrallharia velha. A polícia encontrou um corpo lá. Não sei muita coisa ainda, mas parece que é um garoto.
- Criança?
- Éééé...
- Merda, heim? Estou indo pra lá.

Alonso dirigiu a caminhonete para a Avenida do Expedicionário, que levava para fora da cidade. Rodou toda a sua extensão e entrou na estreita rua de terra batida da velha serrallharia. Havia dois carros da polícia civil e um da polícia militar. Muita gente estava ali para ver e especular. Alonso dirigiu ao longo dos cavaletes que impediam a passagem e estacionou perto da borda do córrego que margeava o lugar. Desceu observando o alvoroço e o burburinho das pessoas. Caminhou na direção do primeiro policial e mostrou sua credencial de jornalista. O sujeito fez uma careta estranha, de desaprovação, mas deixou-o passar.

A velha serrallharia era uma construção destoada do resto, às margens do centro da cidade. Ficava escondida atrás de um posto de gasolina e uma loja de materiais de construção. A entrada era a estreita rua esburacada, de trinta metros de comprimento, desembocando numa área grande, entre a muralha do posto e o pequeno córrego. Portões velhos, pedaços de chapas e vergalhões apodrecidos jogados aqui e ali. O prédio principal era um casebre de dois andares, abandonado há quinze anos, quando o dono morreu. Não havendo sócios ou herdeiros, a serrallharia foi fechada e abandonada. Desde então, os moleques daquela área

os ratos do quarto ao lado

costumavam usar o terreno para jogar bola e, quando a noite caía, era comum o entra e sai de carros dos rapazes que usavam o local como... bem... *abatedouro*.

Edgar Spanzella interceptou Alonso bem no meio da área. Ao que parecia, o centro de interesse estava dentro do prédio da serralheria, já que todos entravam e saíam transtornados e tontos. Um sujeito de bermuda e camiseta, que Alonso reconheceu imediatamente como o vereador Tônico Estrada (mentor de um projeto para transformar a área da serralheria num parque, com quadras e um pequeno museu), saiu do prédio com uma aparência pálida e doente. Caminhou meio tonto por quase dez metros, sem qualquer rumo provável, e vomitou escandalosamente sobre uma velha grade enferrujada. As pessoas além dos cavaletes de isolamento murmuraram seus achismos e conclusões na mesma hora.

– Não vai acreditar – disse Edgar, caminhando depressa, junto com Alonso. O advogado tinha uma perigosa e incestuosa relação entre polícia e bandidos menores, agindo às vezes como colaborador e dedo-duro e, em outras vezes, como tábua de salvação para pilantras e salafrários. Não era bem o tipo de gente que deixasse Alonso orgulhoso de ter como contato, mas o ofício às vezes pedia...

– Quem encontrou o corpo?

– Aquele cara – apontou para um sujeito magro, usando boné e calça *jeans* apenas. Estava sentado perto da viatura da polícia militar. Um cabo segurava seu ombro, como se para impedi-lo de escapar. – O delegado disse que não descarta o cara como suspeito. Mas o que acho é que ele

estava trazendo alguma piranha pro abatedouro, se é que me entende. E achou o garoto quando entrou.

Entraram pela porta da frente da serralaria. Normalmente ficava encostada, mas hoje estava arreganhada e escorada com um cabo de vassoura. Outro policial militar guardava a porta e Edgar Spanzella o cumprimentou.

A primeira sala do prédio era uma espécie de recepção bagunçada e perdida entre pedaços de sucata e muito lixo. Edgar levou Alonso por um corredor largo, depois da antessala, e caminhou com ele para os fundos do prédio. Uma escada de ferro os levou ao segundo andar, muito mais sujo que o inferior. Estranhos objetos de metal decoravam o ambiente. Contava-se na cidade que o velho dono da serralaria gastava seu tempo livre construindo esculturas de restos de sucata. Alonso jamais havia entrado ali e achou que, se aquelas eram as esculturas do sujeito, aquele fora um homem de gosto muito, muito duvidoso. Bizarro!

Passaram ao lado da maior escultura, impossível de ser identificada como uma figura normal. Uma haste muito fina de metal subia por quase dois metros e uma bola de aço cromado reluzia em seu topo, destoando da cor de ferrugem e da penumbra suja do lugar. A cerca de um metro e oitenta da haste, o velho soldara duas lâminas de enxada muito velhas, enferrujadas e sujas de concreto. Tampouco estavam alinhadas. Bem como uma cantoneira corroída de solda, que descia do meio da haste maior até o chão. Um pedaço de vergalhão de duas polegadas de diâmetro e uns vinte de comprimento fora colocado perpendicularmente à haste, na mesma altura da cantoneira. Na ponta do ferrolho estava uma outra bola de aço, do mesmo tamanho daquela no alto

os ratos do quarto ao lado

da escultura. Dessa segunda bola descia uma haste da mesma espessura que a principal. Duas colheres grandes cruzavam essa haste num mesmo ponto, fazendo um estranho arranjo com as duas lâminas de enxada da haste maior.

O alvoroço maior estava num dos cômodos adiante. Alonso reconheceu os *flashes* de luz do fotógrafo. Alguém falava algo sobre arma do crime. Outra pessoa dizia seguidamente que aquilo era uma violência selvagem e inumana. Um homem gordo, de bigode e casaco comprido, estava parado perto de uma segunda porta, de olhos baixos e aparvalhados. Edgar abriu caminho pelas pessoas. Alonso o seguiu.

– Ah, Deus – murmurou Alonso, quando deitou os olhos sobre a cena.

O cômodo deve ter sido uma espécie de arquivo de papéis. Havia estantes de ferro com pastas e montes de documentos. Armários tombados, guardando insetos e ninhos de rato. Uma mesa fora arrastada do centro e tombada perto da janela que dava para a frente do prédio. Cadeiras com estofados rasgados e pés tortos estavam amontoadas ao lado da porta por onde eles haviam entrado. Papéis e poeira pelo chão, além de estopas e pedaços de ferro-velho. O desenho estava na parede a esquerda deles. Grande, de linhas grossas e vivas em alguns pontos, apagadas em outros. No instante em que bateu os olhos, Alonso sentiu um arrepio, como numa lembrança que de repente queria vir à tona, mas seu impulso, apesar de forte, não conseguira romper a superfície. O desenho parecia ter sido feito com sangue. O chão, no espaço que levava do

corpo à parede, estava salpicado dele. O assassino parecia *carregar* sua *caneta tinteiro* (provavelmente sua própria mão) e voltar para terminar a obra de arte: um círculo mal feito com a letra “x” no centro.

O sujeito que cometera o crime havia arrastado a mesa para perto da janela para ter mais espaço. Isso era óbvio. Uma espécie de lençol branco estendido (esticado com o máximo de cuidado, porque poucas rugas podiam ser vistas) no centro da sala e havia tocos de cigarro espalhados pela área ao redor dele. A maior parte dos cigarros estava sujo de batom vermelho, muito escuro. E, também espalhados com os cigarros, dentes. As raízes eram curtas e estavam expostas, sujas de sangue.

O garoto estava no centro da toalha, caído de lado. Uma poça grande de sangue coagulado colava-o ao chão. Moscas zanzavam alouçadas ao redor do corpo. O mal cheiro ainda não era insuportável, mas estava ali.

A boca do garoto estava aberta, arreganhada. Não havia dentes, exceto alguns cacos escurecidos pelo sangue seco, o que indicava que aquele era o dono dos dentes no chão. O rosto estava lambuzado de sangue e marcado com velhos hematomas pretos. Alonso não conseguiu ver mais, enjoado com a cena. Virou-se e caminhou depressa para fora. Trombou com um policial e escorou-se numa das estranhas esculturas de ferro. O vômito ganhou sua garganta e inundou a boca. Um segundo depois se espalhava pelo chão sujo, enquanto os homens na sala do crime sorriam divertidos.

Por mais que tentasse tirar da mente a imagem do garoto morto na serralharia, essa parecia uma tarefa

impossível. Sua mente cismava em imaginar que tipo de doente faria uma coisa daquelas com um ser humano. Com uma criança!

O que o assustava mais era a estranha preparação na cena do crime. A toalha sob o corpo, esticada e tão branca, como se o assassino quisesse chamar a atenção para a podridão no centro, para o corpo com suas cores fortes de morte e dor. E havia aquele detalhe sensivelmente brutal: os dentes arrancados, espalhados pelo chão como sementes perdidas. Mais tarde, enquanto tentava se recuperar da ânsia de vômito no lado de fora do prédio da serralharia, Edgar Spanzella contou que o pênis do garoto também fora cortado. Entre risadinhas ácidas, comentou que o assassino (ou a assassina) talvez estivesse usando o órgão do garoto como consolo.

Alonso o olhou com irritação e incredulidade.

Agora, sentado no pequeno quarto que transformara em escritório, no segundo andar de sua casa, Alonso tentava se concentrar na leitura dos jornais do dia, enquanto a televisão tagarelava sozinha a seu lado. Passou os olhos sobre uma votação pouco importante na Câmara da cidade e depois pelas crônicas dos jornais concorrentes. Passou ao noticiário nacional e depois deixou de lado todas as folhas, vencido pela imagem insistente do crime.

Depois que saiu do prédio da serralharia, ele ligou para Cláudio Madeira, que seguia para o jornal levando as fotos e as gravações do jogo de futebol. Madeira veio depressa e cobriu o crime com uma avidez e curiosidade mórbidas, praticamente esquecido da matéria agora banal sobre o jogo. Alonso sempre achou que devia tomar cuidado com o rapaz. Se o deixasse com a corda tão frouxa,

acordaria de manhã com a foto do moleque assassinado ocupando toda a primeira página do Correio a Remo. A última coisa que precisava era de patrocinadores furiosos acusando-o de marrom e cancelando contratos.

Depois disso, Alonso dirigiu até o pequeno campo de futebol de seu bairro e estacionou perto da cerca que dividia o terreno da mata que levava dali até a estrada para o centro da cidade. O pequeno riacho de águas transparentes corria manso sobre as pedras um pouco além do estacionamento e, naquela noite, sentado no escritório, Alonso julgou que aquele teria sido o único momento em todo o dia que deixara de pensar no garoto morto.

O churrasco de confraternização foi o que Alonso imaginara inicialmente: Aroldo Nardele bebeu demais e abriu sua boca enorme e inconsequente. Disse em alto e bom som que seu filho era o único jogador do time, que carregava aqueles outros dez bundas moles no ombro e bla-bla-blá... Metade dos que estavam ali apenas baixou a cabeça, envergonhados pelo vexame do idiota. A outra metade quis apedrejá-lo. A confraternização terminou com o pai de Lucas deitado no chão, um olho ficando roxo e três sujeitos tentando conter outros cinco para que não linchassem o bêbado imbecil. Beatriz carregou Lucas para longe dali, para casa, para longe do idiota do seu pai.

Ainda naquela tarde, Alonso esteve no jornal. Era bom mesmo dar um pulo na redação e ver o que o bom Madeira – o rapaz com olhos de abutre, dizia José Alceu, o dono do jornal – tinha preparado para a edição do dia seguinte. Quando José Alceu descartou a contratação do

rapaz, Alonso pediu a ele uma chance. Afinal, era um garoto, estava começando, tinha apenas fome. Além do mais, que mal poderia fazer?

A matéria de Madeira e as fotos eram qualquer coisa além de um filme de terror categoria “Z”. Cada chapa parecia retratar com detalhes e requintes de crueldade os piores ângulos do crime. Os textos eram tão pejorativos e tendenciosos que Alonso não deixou de admitir que o garoto tinha uma queda para a coisa. Sabia ser enfático e ao mesmo tempo despreocupado. E ainda segurar a leitura. Mas poderia controlar aquele ímpeto quase assassino de revelar o que havia de podre sobre as notícias?

– Não podemos publicar isso – disse um espantado Alonso. – Não combina com a imagem do jornal.

A maior parte da edição já estava pronta para ir para a gráfica. Alonso vetou tudo, claro. Devolveu as provas a Madeira e mandou que voltasse à sala de edição e desse um jeito na coisa. Da matéria com pelo menos umas dez colunas, havia sobrado uma foto para a capa e uma para o interior, com dois textos menos *pesados*. Não achou que precisasse falar nada mais ao garoto. Apenas fez sua eventual cara de desaprovação e mandou que voltasse. Obviamente, Claudio Madeira sabia exatamente o que tinha feito. Ou não?

Alonso estava se preparando para levantar e desligar a tevê quando ouviu o zum-zum-zum. A princípio ele mal prestou atenção, absorto nos pensamentos. Olhou pela janela e encarou a lateral da casa dos Nardele. Todas as luzes estavam acesas, exceto a do quarto do garoto, nos fundos. Também o terraço estava às escuras. Alonso lançou os olhos

para a janela da sala e viu a sombra de Beatriz projetada numa parede com um quadro surrealista dependurado de cabeça para baixo. Lembrou-se de ter sugerido a Beatriz, sutilmente, que talvez a peça estivesse colocada errada...

– Diga francamente – ela disparou, um sorriso maravilhoso brotando no canto esquerdo da boca. – Acha que aquilo foi trabalho meu? Aroldo furou a parede, colocou a bucha, o parafuso e meteu lá seu quadro maravilhoso. Às vezes ele é tão tonto que eu não me espantaria se não conseguisse calçar as meias sozinho. Eu mostrei para ele a assinatura do pintor. Mostrei que ela estava de cabeça para baixo. Sabe o que ele me disse?

– Não quero imaginar.

– Que aquela era uma obra única, singular entre as singulares. Disse mesmo assim, desse jeito. Disse que o pintor assinou de cabeça para baixo de propósito. Uma coisa que aprendi nas aulas de psicologia da faculdade é não discutir com malucos. E você conhece bem o maluco de que estamos falando, não é?

– Não é!!!

Alonso acordou de seu transe com o *não é* alto e furioso de Beatriz. Só agora ele percebia que ela gritava nalgum ponto de sua casa. Pegou-se concordando que brigar havia se tornado uma rotina no casamento dos vizinhos. Nada muito grave, no início, mas nos últimos tempos... Pelo que podia notar nas conversas (as curtas e as prolongadas) com Beatriz, esse pequeno inferno a estava cansando de uma maneira tão rápida e direta que já nem media argumentos ou adjetivos baixos para descrever certas atitudes de Aroldo. Isso, de certa maneira, chegava a

os ratos do quarto ao lado

entristecer Alonso. Ele queria enxergar nos Nardele uma família perfeita, o tipo que poderia ter tido se não tivesse se casado com uma mulher fútil e insegura como Helena de Almeida Lima. Sobretudo, egoísta e cínica.

Bem, agora não era hora para pensar em Helena. Era um ótimo fim de domingo e talvez devesse apenas se levantar e ir dormir. Um pouco do livro na cabeceira da cama o levaria direto para a terra do sono...

Foi quando Beatriz passou pela janela. Alonso olhou seu rosto amarrado em mil pequenos pedaços de fúria e por um instante ficou fascinado. Era uma mulher linda, em qualquer circunstância. Ela então parou seu movimento de fera acuada e olhou pelo vidro. Olhou direto para ele. Os olhos escuros pareceram brilhar alguma surpresa. Beatriz caminhou até a cortina e fechou-a bruscamente.